

A CAVALARIA HIPOMÓVEL BRASILEIRA NA ÉPOCA ATUAL

Gen ALMÉRIO DE CASTRO NEVES

Estamos em plena era dos satélites artificiais, bombas atômicas e engenhos teleguiados.

As operações militares, utilizando as descobertas científicas, tendem a aproximar-se cada vez mais da "guerra de apertar botões", ou seja, da guerra de material, em que os homens da retarguarda, de seus gabinetes, poderão disparar projetis de extraordinário poder mortífero, com absoluta precisão, sôbre os alvos escolhidos.

As operações do tipo clássico desaparecerão.

Nas ações ofensivas, a ruptura da posição inimiga se fará com engenhos atômicos, cabendo ao escalão de ataque passar pela brecha obtida e aproveitar o êxito.

Nas ações defensivas, dada a impossibilidade de impedir a ruptura da posição, a organização e conduta da defesa deverão ser feitas em forma nuclear, em uma grande área e com os núcleos dispostos de forma a que o atacante, passando pela brecha aberta pela destruição de alguns, seja canalizado para uma região pré-escolhida, onde sôbre êle possa ser lançado um engenho atômico.

Em uma guerra dessa natureza, que papel caberá à cavalaria hipomóvel ?

Devemos nós brasileiros cogitar ainda de uma cavalaria hipomóvel ?

Não será colocar-nos à margem dos progressos da ciência ?

Essas perguntas podem ser respondidas com outras perguntas.

Devemos nós brasileiros nos contentar em possuir um exército organizado quase que exclusivamente à base de material importado, inclusive os combustíveis e lubrificantes ?

Será isso suficiente para a nossa segurança ?

Um exército organizado nessas condições ficará inteiramente à mercê das conveniências do país ou países fornecedores, e também das possibilidades de importação, por mais amigos que êsses países sejam.

Já temos a experiência da última guerra em que, não obstante estarem os nossos aliados com o domínio do mar e os nossos inimigos serem países da Europa Central e Mediterrânea, a ação de submarinos nas nossas costas, dificultando a importação, principalmente de combus-

tíveis e lubrificantes, paralisou quase que totalmente as nossas viaturas motorizadas, obrigando-nos a recorrer ao transporte animal, que já estávamos começando a desprezar.

Essa experiência nos aconselha a manter pelo menos uma parte do nosso Exército equipada com meios de produção nacional e capaz de operar sem depender de importações.

E além das nossas possibilidades, devemos considerar também a natureza dos teatros de operações onde poderemos ser chamados a operar.

Não devemos nos deixar entusiasmar pelo êxito fácil obtido por exércitos mecanizados pertencentes a países de possibilidades inteiramente diferentes das nossas, operando em teatros de operações também inteiramente diferentes dos nossos e sobre os quais temos informações fáceis, desprezando operações que se realizaram em teatros mais semelhantes aos nossos.

É interessante relembrar o preço que pagaram os alemães pelo seu desprezo às condições particulares dos teatros de operações da frente oriental.

No começo e no fim do inverno, a neve e a lama transformam terrenos normalmente permeáveis, em obstáculos intransponíveis para viaturas pesadas.

Aproveitando a oportunidade, divisões russas a cavalo atuavam nos flancos e retarguardas das posições alemãs, particularmente nas linhas de suprimento, tornando a sua vida impossível, obrigando-os a retiradas difíceis e transformando essas retiradas em catástrofes.

O nosso território apresenta durante a época das chuvas um fenômeno semelhante.

Arroios normalmente vadeáveis transformam-se em rios caudalosos.

Campos permeáveis transformam-se em charcos intransponíveis a qualquer tipo de viatura.

“É a oportunidade para a atuação da cavalaria hipomóvel”.

Passando por terrenos tornados intransponíveis aos blindados pelas chuvas, elementos a cavalo poderão atuar nos flancos e retarguarda do inimigo, particularmente nas linhas de suprimento, de forma a desgastá-lo e enfraquecer a sua capacidade de ação, permitindo a outras forças enfrentá-lo em condições mais favoráveis.

Essa cavalaria, é evidente, não poderá ter a pretensão de “decidir” a luta.

As características dos teatros de operações em que podemos ser chamados a operar, particularmente a sua precária rede de estradas, o elemento humano que o habita e sua fraca densidade demográfica, e as pequenas possibilidades de apoio da retarguarda, industriais e econô-

micar, levarão as operações militares a processar-se ao longo dos eixos principais e nas regiões mais humanizadas, onde será concentrado o máximo de meios disponíveis para decidir a sorte da batalha.

Ao longo desses eixos principais e nessas regiões mais importantes é que será buscada a decisão da luta, com os meios mais modernos que tivermos.

Entre esses eixos e nas regiões secundárias, sem estradas nem recursos próprios, e onde só serão possíveis operações com fracos efetivos em largas frentes, operará a cavalaria hipomóvel.

Caberá a essa cavalaria o ataque aos flancos, retaguardas e linhas de suprimento do inimigo, cooperando com o ataque principal.

Caberá a ela a manutenção das frentes secundárias, com fracos efetivos em largas frentes, economizando os meios que, na frente principal, realizarão o esforço que decidirá a sorte da batalha.

Essa é a missão da cavalaria hipomóvel.

Algum dia, o progresso vertiginoso da nossa pátria nos levará a cumprir, com viaturas mecanizadas, as tradicionais missões que Osório e Andrade Neves cumpriram a cavalo.

Porém, isso somente será possível quando mudar o panorama brasileiro pela transformação do meio físico pelo homem, isto é, quando os nossos motores, acionados pelo nosso petróleo, deslocarem-se por verdadeiras estradas para qualquer ponto do país. Somente então é que poderemos pensar em suprimir o cavalo.

Por enquanto, não é possível.

É perigosa uma mecanização precipitada e artificial.

Ainda é cedo para nos despedirmos do nosso velho amigo e companheiro de lutas, o cavalo.



Você não acha que a biblioteca da sua unidade lucraria com uma assinatura de A DEFESA NACIONAL? Dê essa idéia ao responsável por aquela dependência.